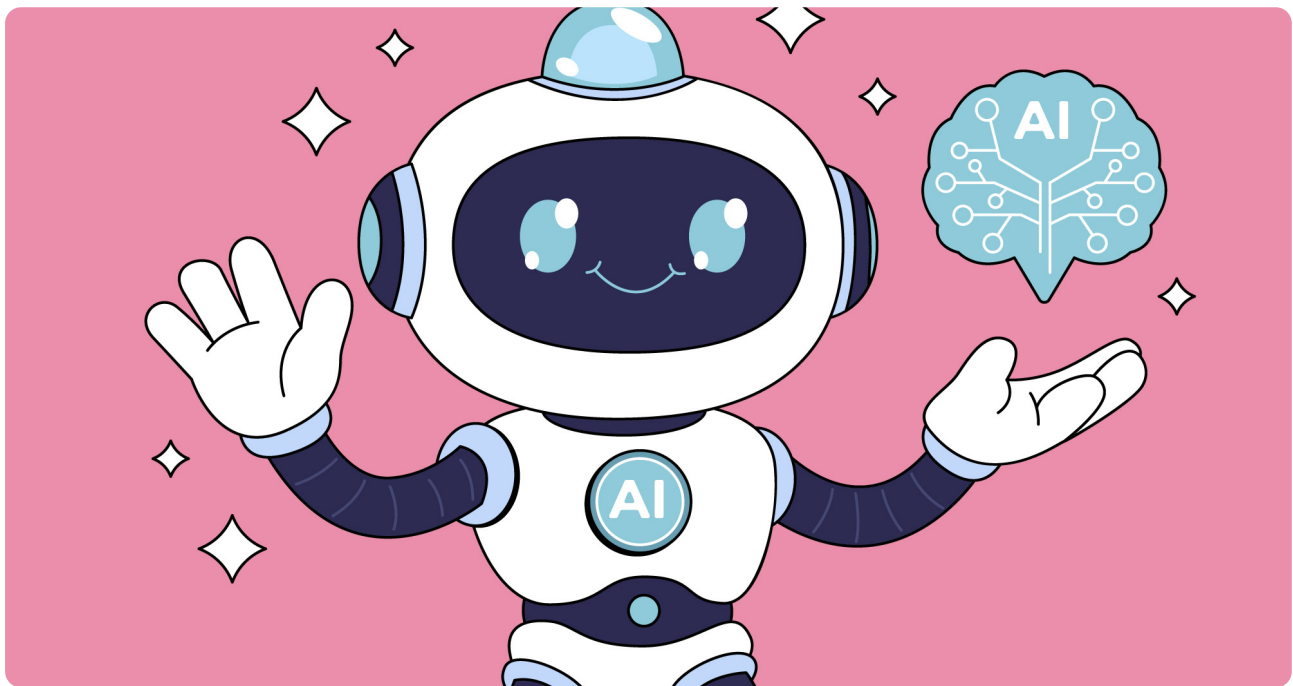


NEWS

Agente Code-Check

o meu guardião pessoal

4 de maio de 2026, Tobias Engl



É aquele momento da manhã em que se abre a porta de casa e a vida simplesmente acontece, sem que seja preciso fazer mais do que calçar os sapatos. O táxi já paira à porta. Dentro das cidades, há muito que voam, silenciosos, por cima dos telhados, enquanto as ruas ficam entregues à frota mais lenta. Autônomo, claro, e pago há muito. Tudo tratado pelo Code Check, o meu agente pessoal, que aparentemente conhece a minha agenda melhor do que eu. Chamou o táxi enquanto eu ainda bebia o último gole de café, acertou o trajeto com a IA de trânsito e — isto é que é verdadeiramente inquietante — decidiu que hoje prefiro ouvir música clássica no banco de trás, e não um podcast. Tinha razão.

Que o Code Check saiba sequer que sou eu e trabalhe só para mim, que obedeça apenas às minhas ordens, é algo garantido pelo microchip debaixo da minha pele. Uma assinatura minúscula no braço, que só faz sentido para mim e para ele. Sem PIN, sem palavra-passe, sem aparelho que fique esquecido ou faça greve com a bateria vazia. O smartphone — lembram-se? Uma caixinha retangular que tinha de ser carregada e que se podia esquecer no táxi. Brilhante, mas um antecessor há muito esquecido. Hoje, quase tudo funciona por reconhecimento do chip, comando de voz e óculos inteligentes, e, quando é preciso ser rápido, o Code Check e eu entendemo-nos mesmo sem palavras. Basta um olhar, um pensamento discreto, e ele já percebeu o que quero. Mais rápido, mais seguro, mais discreto e mais pessoal é impossível.

O agente do táxi... sim, também o táxi tem o seu próprio agente, afinal estamos no futuro e aqui tudo tem um agente... já fez a reserva antecipada no aeroporto. Lá espera um robô carregador de malas que, ao que parece, sabe que o meu trolley gosta de ser puxado pela direita. Ao entrar no terminal, um ecrã acende-se por instantes, o meu rosto é reconhecido, o chip regista-se adicionalmente em silêncio, um aceno digital simpático, check-in feito. O robô carregador rola com toda a segurança até ao autómato de bagagem, que já sabe que hoje são 23,4 kg. Entretanto, os robôs de limpeza fazem as suas rondas, porque o super-agente do aeroporto registou, através de um sensor, uma nódoa de café na porta B19. Lá fora, na fachada de vidro com trinta metros de altura, os robôs limpa-vidros estão pendurados a polir o sol da manhã nas vidraças, porque o agente assim o ordenou. Sem balde, sem pano, sem porteiro mal-humorado. Apenas um zumbido suave.

No cockpit do avião, o piloto está sentado com as mãos no colo a olhar pela janela. O seu trabalho é supervisionar. O piloto automático voa de forma mais tranquila, mais precisa e mais cortês do que qualquer ser humano alguma vez conseguiria, e não trava bruscamente. Não pragueja contra a turbulência e cumpre o horário ao minuto. Algures entre os dez mil metros de altitude e os milhões de pontos de dados por segundo, recosto-me e olho para fora. Por baixo de mim, os campos. Um agricultor está provavelmente sentado no seu terraço, tablet na mão, a comandar por app a sua ceifeira-debulhadora autónoma, que devora filas intermináveis de cevada. Mais tarde irá até ao campo ver se tudo correu como devia. Mas isso é mais um hábito de controlo do que trabalho necessário. Nas estufas mais atrás, robôs regulam a rega, doseiam os nutrientes ao mililitro, observam cada planta individualmente e colhem-na no momento exato em que está perfeitamente madura. O futuro vai ser mais doce. E digo-o no melhor sentido.

Aterrámos. No aeroporto de destino, brilha à minha frente uma máquina de comida, abastecida com legumes frescos, fruta e wraps. Um ecrã sedutor faz-lhe publicidade, mas eu declino. O Code Check já ontem encomendou a minha compra por drone autónomo, que entregou as compras da semana ao meu robô doméstico. Está tudo no frigorífico, bem arrumado, com um cálculo perfeito das datas de validade. A porta da minha casa reconhece-me, abre-se, a luz acende-se e das colunas sai a minha música preferida exatamente no volume certo. Em cima da mesa fumeja um prato acabado de cozinhar, que o meu sistema de cozinha inteligente cronometrou ao minuto e o robô doméstico serviu. Enquanto como, o meu robô desfaz a mala, separa para a máquina de lavar o que tem de ser lavado e coloca-a em espera. Amanhã, quando o sol brilhar e a energia solar fluir, ela começa por si própria. É bom estar de volta a casa.

A propósito de bem-estar! O meu chip — antigamente era um smartwatch — recolheu dados obedientemente durante a viagem e o Code Check analisou-os. Juntou-lhes o IMC, calculado por câmara e sensores de ambiente, e emitiu um veredito objetivo, tudo discretamente, em tempo real. A viagem não foi demasiado cansativa, o sono foi sólido, a pulsação exemplar. A minha consulta médica de amanhã? Já cancelada. Os dados foram transmitidos, o médico concordou. Soube disso quando o Code Check me apresentou gentilmente a agenda já arrumada. Obrigado, digo eu. De nada, vem a resposta.

Em todo o lado nesta viagem — no táxi, no terminal, no cockpit, no autómato de bagagem, no tablet do agricultor ou no ecrã da minha cozinha — corria aquilo que dá vida a este futuro: informação, difundida com precisão, no lugar certo, na hora certa, exatamente para aquele momento. O mundo por detrás desta ligação em rede sem falhas é precisamente aquilo em que trabalhamos todos os dias na ScreenWay: conteúdos que não incomodam, mas conduzem ao progresso. Ecrãs que não gritam, mas entusiasmam e acompanham. Seja no aeroporto, no hotel, no restaurante ou em casa. Onde quer que haja um ecrã, há um pedaço de futuro à espera de ser preenchido com sentido pelo software ScreenWay.

É bom ter um agente pessoal que organiza tudo na perfeição. E é bom saber que, por detrás de todo este zumbir, rolar, abrir e fumar, corre uma rede de informação que mantém o mundo unido, em silêncio e em segurança. O resto é só calçar os sapatos e sair porta fora. Obrigado por tudo, Code-Check!

